

UM ENSAIO SOBRE A POÉTICA DE BISPO DO ROSÁRIO

An essay on the poetic of Bispo do Rosário

Ibsen Perucci Senaⁱ

ibsenperucci@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Brasília - IFB
Distrito Federal – Brasil

Bianca Alves Martins Val Francoⁱⁱ

alvesbianca837@gmail.com

Universidade de Brasília - UNB
Distrito Federal – Brasil

Quais características permitem demonstrar a relevância artística de Bispo do Rosário no campo das artes? Tomando essa reflexão como ponto de partida pretende-se discutir nesse ensaio alguns conceitos sobre cultura “popular” e as contradições que marcam as artes e a sociedade em termos de valorização da cultura europeia (eurocentrismo) e americana em detrimento da cultura considerada “não culta” e marginalizada. Aspectos como a marginalização do artista, a cor da pele, a vulnerabilidade social e o precário recurso material para composição de obras, bem como para a própria sobrevivência em sociedade, chamam a atenção para uma discussão que se apresenta mais profunda do que simplesmente determinista.

O que faz com que uma obra, como a de Bispo do Rosário, brasileiro, imigrante nordestino, negro e considerado louco fosse comparada, por exemplo, a Marcel Duchamp e Andy Warhol, artistas mundialmente conhecidos, representantes de movimentos artísticos consagrados tais como: a vanguarda modernista, Dadaísmo e Pop Art? Conforme Fernandez (2017):

Hoje Bispo do Rosário é comparado a Marcel Duchamp e Andy Warhol, artistas plásticos que também ressignificam objetos de utilização cotidiana transformando-os em obra de arte e revelando que o fazer artístico se situa em outra dimensão, que ultrapassa a condição material que os separa. (FERNANDEZ, 2017, p. 231)

Observa-se que o fazer artístico pode transcender as condições materiais. O ponto de congruência entre artistas de renome e pertencentes a uma cultura

hegemônica, e artistas como Bispo do Rosário, pode estar justamente na ressignificação da realidade cotidiana, em respeito às potencialidades do artista, não necessariamente determinada pela sua instrução formal dos preceitos artísticos. Bispo do Rosário buscava por meio de suas obras registrar sua passagem na terra criando seu próprio mundo em miniatura. Utilizando sucata, criou um ideal de mundo que – em sua concepção – seria apresentado a todos no momento do “fim dos tempos” reafirmando no decorrer de sua trajetória artística sua posição religiosa, como representante de Deus.

Nesse cenário, é possível destacar a valorização do que é considerado um saber erudito ou “culto” e sua relação hierarquizada com aquilo que é considerado “popular” ou do “povo”, além da relação com o “sagrado”, que pode permear as duas concepções mencionadas. Estas considerações revelam um campo de tensão que parece mais complexo do que simplesmente separar aqueles que sabem dos que fazem arte na sociedade.

Conforme Arantes (1998, p. 14) “a partir dos lugares de onde se fala com autoridade na sociedade capitalista, o que é “popular” é necessariamente associado a “fazer” desprovido de saber”. Segundo o autor, há um determinismo social e econômico que separa o trabalho intelectual do trabalho manual, sendo isso um processo intencional e reflexo de uma sociedade que mantém as desigualdades sociais nos diversos espaços de atuação social, entre eles, os de arte. A partir daí, é possível dizer que a cultura se constitui, entretanto, pelas diversas tradições, identidades e agrupamentos humanos, o que nos diferencia uns dos outros no nosso contexto histórico cultural.

Assim, percebemos que não há uma cultura única, certa e adequada para todos, mas sim diferentes tradições que precisam ser preservadas no seu contexto de desenvolvimento histórico e cultural. Um pequeno grupo que defende uma cultura única, imperialista e hegemônica em algum momento vai se deparar com um movimento contra hegemônico que visa defender a diversidade de costumes, estéticas e saberes, ao invés de simplesmente reproduzir a cultura dominante e de controle social. Conforme Arantes (1998):

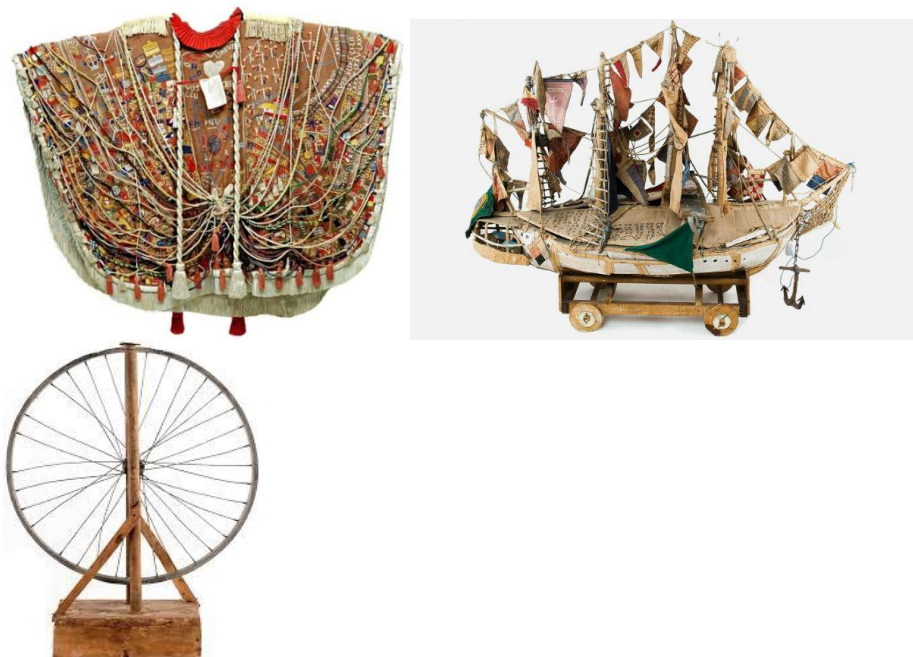
[...] cultura é um processo dinâmico e transformações positivas ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir sua “deteriorização”. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que

se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos. (ARANTES, 1998, p. 21-22).

Arantes (1998) propõe um entendimento de cultura como algo plural e no presente, a partir de uma concepção não normativa e dinâmica. Conforme o autor o conceito de cultura popular não é algo totalmente definido nem pelas Ciências Humanas e nem pela Antropologia Social, seus significados são heterogêneos e remetem a um amplo aspecto de concepção em que são atribuídos os conceitos de saber, transmitidos e situados historicamente, bem como a função de resistência à dominação de classe.

Bispo do Rosário pode ser entendido como representante de uma cultura popular, mas que anda na contra mão do que seria seu ponto destino, transformando a sua realidade na medida em que busca representa-la artisticamente em obras como: o manto de apresentação, o grande veleiro, a roda da fortuna respectivamente apresentadas a seguir. Imagens – exemplos de obras de Bispo do Rosário

Imagens – exemplos de obras de Bispo do Rosário



Fonte: Museu Bispo do Rosário (2019)

É nesse ponto que interessa questionar: não fosse o laudo de problemas psicológicos, a tempo, teria sido valorizada a arte e obra do Bispo? Estas tombadas como patrimônio cultural, representações artísticas que antes de serem descobertas eram identificadas como mera terapia, método de tratamento presente nas casas de repouso, conforme Borges (2010):

A fala de bispo é instituída como devaneio, como sintoma de insanidade. Suas criações e atitudes são ditas e vistas pelo prisma do exotismo e da excentricidade. Articulados, tais elementos cristalizam os estereótipos que ligam genialidade e loucura. [...] Na invenção do Bispo artista, as críticas de arte articularam uma leitura perpassada pelo discurso psiquiátrico, como também pelo enunciado que romantiza o artista, vendo nele um contestador dos valores impostos pela sociedade capitalista. (BORGES, 2010, p. 214)

Desse conjunto contraditório de situações é inevitável destacar a beleza daquilo que foi entendido com uma arte que se vivia cotidianamente, ou seja, algo que não se apresentava como exterior ao artista de forma compulsória, mas interior ao processo de vida e como representante da sua maneira particular de enxergar o mundo. Ao sair do anonimato para a consagração nas artes plásticas, reconhece-se que a obra de Bispo do Rosário transcende a arte bruta, o que desvencilha em certa medida o rótulo de arte marginalizada.

Nesse contexto Bispo do Rosário é entendido não somente artista, mas patrimônio, museu e monumento, registro histórico que resiste ao seu esquecimento. O antigo hospício que abrigou o artista por aproximadamente 50 anos, tornou-se o museu Arthur Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, imortalizando a trajetória artística, como exemplo de superação e resistência.

É evidenciado na trajetória de reconhecimento das obras de Bispo do Rosário a intensa e incessante preocupação em desvencilhar o artista ao seu histórico manicomial e a margem da sociedade. Mesmo com seu devido reconhecimento é importante ter a consciência de que suas obras não foram antes reconhecidas como arte verdadeiramente por ela estar interligada a uma imagem de loucura e a um laudo psiquiátrico, além do artista não ter a formação acadêmica, fato que o rendeu um título de artista Naïf, que remete a uma arte ingênua, desprovida de uma linguagem acadêmica. Suas 802 obras são compostas de vestimentas, acúmulos, pedaços de tecidos, bordados, sucatas, objetos recolhidos e doados ao artista, todas trazem consigo a forte presença do sagrado, da dedicação, do recolhimento e da missão que Bispo do Rosário propunha cumprir em vida.

Esse breve ensaio permitiu compreender parte das razões que tornam indissociáveis a vida e obra do Bispo, bem como aprofundar uma questão fundamental e de caráter essencialmente social: é possível dizer que a arte não está descolada de um contexto, político, econômico e cultural? Resta, nesse sentido, a dúvida sobre quantos artistas ainda encontram-se desconhecidos ou lançados à

marginalidade por não estarem inseridos no arranjo social que privilegia determinadas camadas da sociedade em detrimento de outras.

Referências

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular*. 14^o Ed. Brasiliense, 1998.

BORGES, Viviane Trindade. *Do Esquecimento ao Tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. 2010. Tese (doutorado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. *Carolina Maria de Jesus e Arthur Bispo do Rosário: uma poética de sucatas na construção da identidade artística*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 50, p. 221-236, jan./abr. 2017.

PRISIONEIRO DA PASSAGEM. Direção de Hugo Denizarte. Rio de Janeiro: CNPI, 1982. DVD (30 min22seg).

ROSÁRIO, Bispo. Acervo. Museu Bispo do Rosário. 2019. Disponível em <museubispodorosario.com>. Acesso em 30/05/2019.

ⁱ Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília. (Currículo informado pelo autor)

ⁱⁱ Bacharel em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB) (Currículo informado pela autora)